

FARPA



CHAMADA ABERTA PARA A ARTE DA CAPA

SANDRA ACOSTA

SANDRA ACOSTA nasceu em Santos, no Brasil, e vive em Londres, no Reino Unido. Graduiu-se em Economia pela UNICAMP, é Mestra em Economia da Inovação pela UFPR e trabalhou por doze anos no mercado financeiro até se dedicar à escrita. Hoje é escritora, mentora de escrita, colagista e podcaster. Publicou o livro de crônicas *Pra que varanda se a vista é feia?* (2021) pela Editora Letramento, e o livro de poesia e colagens *Poemagem* (2023) pela Editora Arpillera. Roteirizou, produziu e apresentou quatro podcasts, dentre eles o podcast narrativo Um Grande Dia para as Escritoras. Teve seus trabalhos em colagem expostos em Londres, na The Holy Art Fair (2023) e na The Holy Art Gallery (2023). Kursou o Mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Coimbra, em Portugal, e foi aluna-ouvinte em Creative Writing MA na University of Roehampton, em Londres. Divulga seu trabalho artístico no perfil do Instagram @sandramtca.

FICHA TÉCNICA

Edição:

Lia Cachim

Beatriz Ryder

Comissão Editorial:

Andréa Zamorano

Bárbara Vilela

Sónia Pereira

Amanda Santo

Camila Gonçalves

ÍNDICE

AMANDA SANTO

AQUÁRIO	5
EU ESCREVO QUANDO EU QUERO	8

ANA BRAZ

LET’S DANCE	16
SE NUMA NOITE FRIA DOIS LEITORES NA CAMA	19

ANA CAROLINA GOMES

ATA	21
JARDIM DA CELESTE	25

BRUNO MOLINERO

COTIDIANO	26
VEM SAMBAR	27

CAMILA FILIPA

CASA DE BANHO PÚBLICA	29
PODES	31

CLARA S.

III FERIDAS	33
LÍNGUAS 200 E	35

GABRIELLA ANDRIETTA

A MULHER	37
MARTA	38

MANUELA SILVA

[SEM TÍTULO]	40
PÓS-PARTO	43

M.L. VIEIRA

CAPITAL ABISSAL	46
O GRITO	48

RITA ANDRADE

RUÍDO	50
SOFÁ AMARELO	52

JÚLIA RESENDE DE PAOLI

O VAZIO É AMARELO	56
-------------------------	----

MARIA DURAN

OBRAS EM LISBOA / OBRAS EM BABEL	59
--	----

PÂMELA PEDRA

A VIAGEM	61
----------------	----

PATRÍCIA RITA

ARANHAS	63
---------------	----

PAULO VAZ

JAM SESSIONS	64
--------------------	----

NOTAS EXPLICATIVAS	65
--------------------------	----

MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

EDIÇÃO 2023/2024

AMANDA SANTO

amanda santo é escritora, nômade, artista visual e jornalista. nasceu e se formou em jornalismo no Brasil, onde também fez o desvio para a poesia: há 5 anos inaugurou uma vida de saraus, slam poetry, publicação em revistas literárias e oficinas de escrita. hoje faz Mestrado em Escrita Criativa na Universidade de Coimbra, integra a equipe de poetas do portal Fazia Poesia e escreve a newsletter literária com verso. criou a fanzine ouriço e o sarau do ouriço, ambos com realização em Coimbra.

AQUÁRIO

as flores ficam distorcidas quando as vemos por trás do aquário, o crime de matar, envasar, esconder atrás da vida do peixe, isso rouba da flor os sentidos

/ dona Fani, pode passar /

o peixe é laranja, embora espécie dourada, lembra placas de trânsito lápis
tochas um batom meu vestido de cetim, peixe também sonha?

/ Fani Pereira? por gentileza /

peixe nenhum nasce para meio metro cúbico de mundo, no entanto ali está ele, encarcerado, sendo cozido lentamente numa água viciada em olhos humanos, Fani sou eu, digo com o braço erguido quando me dou conta de que é a mim que procuram.

entro na sala branca. livros organizados por cores, uma poltrona em frente à outra, almofadas de pelúcia, tapete peludo, plantas de plástico, decoração confortável para alguém, não para mim.

escolha ser feliz hoje
quadros motivacionais *precious life*
be positive por todos
seja protagonista da sua vida os
lados
: dizia a propaganda empurrada pelo facebook no dia em que desabafei com
Carla por telefone, eu e Carla espionadas como inimigas de estado.
não deixe a chuva apagar seu sol

/ o que traz você aqui, Fani? /
pergunta a mulher-oráculo, olhar miraculoso, franja reta, unhas de verniz,
Coach Mariane Bocaiúva, redirecionamento de vida pessoal
peguei a bombinha na gaveta e respirei fundo três vezes enquanto apertava
o jato para dentro de mim. contei até dez, como Carla ensinou, o que uma
mulher encontra na outra e não encontra numa homem é *ternura*, me disse, e
dicas de meditação.

precisei morrer, flutuar na redoma, quebrar os vidros, reiniciar
respira 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 respira
abri o facebook
coach
terapia
constelação familiar
pílulas ansiolíticas
você sabia que o mundo vai acabar?
pensei que já estivesse acabando
naquele mesmo momento
a gravidade da terra aumentava
me sugava para o chão do quarto
minhas pernas cedendo entregando
os meus antigos passos, os meus passos futuros
vídeo de cachorro brincando
influenciadora em publi de *shake*
Amazônia queimando
pulso tão rápido quase lento

eu perdia meu formato, uma flor atrás do aquário
uma vida de mar num cubo de vidro
eu perdia meu sentido quando o dedo
o dedo indicador tentou me segurar inteira clicando : *Coach Mariana Bocaiúva*.

/ então, o que traz você aqui, Fani? vou te ajudar a encontrar um propósito! /

odeio essa palavra *pro pó si to* e quase digo a ela, mas as paredes
motivacionais começam a se mover, deslizam até mim, me prensam me
prensam esmagam e eunãoconsigomemexer / vamos começar, Fani? /, quero
gritar coisas como

: aqui dentro nada pode começar, *coach* é outro nome para vigarista,
dentro de um aquário só tem lugar para enxaqueca e bolinhas de ração

muda, braços imobilizados, olho o celular no meu colo, whatsapp 130
notificações

: terminou o relatório?
oi, sumida, figurinha de bebê
vai na festa da Tati?
reunião de condomínio às 21h.
o hospital ligou, favor retornar.
um gato bebendo cerveja
you are funny, Fani!

/ Fani? /

inflo os pulmões
com força capaz de empurrar as paredes de volta
levanto na velocidade de um filme japonês
estouro a película que segurava a não-conversa

volto pé por pé para a

sala de espera

enfio a mão no aquário
até encontrar o peixe laranja, oi aqui está você
seguro o animal com firmeza e afeto
como teria segurado a mim mesma

à direita, o banheiro feminino
os olhos dos espectadores
já não estão no aquário, mas em mim
entro
no banheiro
entrego o peixe ao vaso sanitário
dou descarga

finalmente livre

numa água corrente de esgoto sempre há espaço
para o ritual dos recomeços.

[texto para Ficção Narrativa/2º semestre]

EU ESCREVO QUANDO EU QUERO

VN - voz do narrador
E - Escritora
r1 - repórter 1
C - Clarice Lispector
r2 - repórter 2
H - Hilda Hilst

[entra a Escritora. senta na poltrona, puxa o computador portátil, acende o cigarro, começa a digitar sem parar. uma

música clássica toca. luzes dançam, frisson, jogo de cores num
sonho cyberpunk.
a escritora para de escrever. lê para o público.]

E / se até da arte o homem faminto
devora as orelhas, os olhos
os aparelhos respiratórios

se até na arte, o dinheiro sedento
bebe bebe bebe a energia vital
dos que vivem do pensamento

quando é que estamos prontos
para o grandioso?

[na tela ao fundo se projetam imagens das escritoras Clarice Lispector e Hilda Hilst. a Escritora segue escrevendo e consultando livros à sua volta, enquanto uma Voz fala.]

VN / A escritora brasileira Clarice Lispector não gostava de dar entrevistas para televisão. Mas um dia, em 1977, aceita sentar em frente a um repórter da TV Cultura. Está doente. Também está cansada. Ela morreria poucos meses depois. Em seu último livro, A Hora da Estrela, criou Macabéia, mulher nordestina que morre do excesso de gente e de máquina

.

Em 1990, a escritora Hilda Hilst, contemporânea e amiga de Clarice, levanta a saia da moral literária. Lança O Caderno Rosa de Lory Lamb, um livro escandaloso sobre uma criança prostituída. Uma metáfora da escritora no mercado literário. Hilda, em silêncio por anos, dá entrevista para a TV Cultura para divulgar o livro. Para rir do mercado. Hilda morreu em 2004.

Nem Clarice nem Hilda viveram só da escrita.

[a atriz para de escrever. se levanta, pega um bolo de folhas que tem ao seu lado. rasga em pedaços, enquanto encara o público com olhos firmes. silêncio. ela vai embora.

na tela, se inicia a reprodução de uma colagem feita com as entrevistas de Clarice e Hilda. no palco, atores montam o cenário simples de duas entrevistas em paralelo, um reflexo das gravações.]

**r1 / Clarice, a partir de qual momento
você efetivamente decide assumir...**

C / eu nunca assumi

a carreira de escritora?

C / eu nunca assumi...

eu escrevo quando eu quero.

eu sou uma amadora e faço questão.

r2 / Este país não gosta de seriedade, Hilda?

H / não gosta, você não pode pensar em português.

**C / tem períodos de produzir intensamente
e tem períodos... hiatos
em que a vida fica... intolerável.**

**H / pensar é uma coisa horrível, os editores odeiam, te cospem
na cara.**

r1 / esses hiatos são longos ou não?

**C / depende. podem ser longos
e eu vegeto... nesse período [funga]
por exemplo, acabei a novela, tô meio oca.
tô meio oca...**

[aqui, as entrevistas passam a ser reproduzidas só em áudio e na cena dos atores. Clarice e o repórter, Hilda e a repórter, todos ganham vida em frente à plateia, com as vozes originais mas em novos corpos. na tela, se inicia uma outra colagem simbólica:

o ovo / a galinha / o sexo / o adulto / a criança / o obsceno / a
saia da santa...

os atores perseguem os gestos da voz nesse ping-pong. quando uma dupla fala, a outra olha para ela como se estivesse assistindo junto com a plateia. se unindo e se distanciando dos personagens.]

H / as pessoas acham *Lory Lamb* absolutamente repugnante e...
e eu acho que era exatamente isso que eu quis fazer. mas só que eu considero pessoalmente a *Lory Lamb* um livro pueril, um livro infantil, é uma pornografia pra crianças. eu vou lançar no segundo semestre pra adultos. chama-se Contos de Escárnio e Textos Grotescos.

r1 / o adulto é sempre solitário?

C / o adulto é triste e solitário.

[silêncio]

r1 / e a criança?

C / a criança... [silêncio]

tem a fantasia... solta.

H / a verdadeira natureza do obsceno é a vontade de converter.
isso é uma...

o Henry Muller já diz... ele dizia eu quero luz e castidade.
porque

de uma certa forma se você for consideravelmente repugnante,
você
faz com que o outro comece a querer a nostalgia da santidade.

**r1 / a partir de que momento o ser humano
vai se transformando em triste e solitário?**

**C / isso é segredo.
desculpe, não vou responder.**

H / eu espero ficar uma excelente pornógrafa. [sorriso
sarcástico]

r2/ os críticos, eles vão aceitar ou estão aceitando
Hilda Hilst que escreve bandalheiras?

H/ não, não estão. parece que a santa levantou a saia. o riso é
uma solução
muito grande pra uma saúde mental geral. pra minha, foi
excelente. [riso]

C/ tem um conto meu que eu não compreendo muito bem.

r1 / que conto?

C/ o ovo e a galinha.

r1 / qual o seu trabalho favorito?

C / o ovo e a galinha.

[a Voz Narradora começa a ler trecho de O ovo e a galinha. um
grupo de dança entra em cena com a dança do ovo.
entrevistadas e repórteres se viram para assistir.]

VN / De manhã na cozinha sobre a mesa vejo o ovo. Olho o
ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode

estar vendo um ovo. Ver um ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios. – No próprio instante de se ver o ovo ele é a lembrança de um ovo. – Só vê o ovo quem já o tiver visto. – Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. – Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo. – Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há; há o ovo. – Olhar é o necessário instrumento que, depois de usado, jogarei fora. Ficarei com o ovo. – O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe. Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível como há sons supersônicos. Ninguém é capaz de ver o ovo. O cão vê o ovo? Só as máquinas vêem o ovo. O guindaste vê o ovo. – Quando eu era antiga um ovo pousou no meu ombro. – O amor pelo ovo também não se sente. O amor pelo ovo é supersensível. A gente não sabe que ama o ovo. – Quando eu era antiga fui depositária do ovo e caminhei de leve para não entornar o silêncio do ovo. Quando morri, tiraram de mim o ovo com cuidado. Ainda estava vivo. – Só quem visse o mundo veria o ovo. Como o mundo, o ovo é óbvio.

[dançarinos deixam o palco. as luzes voltam a focar as duplas das entrevistas. os atores voltam a dublar Clarice, Hilda e os jornalistas]

**C/ mas eu não sou solitária, não, tenho muitos amigos.
e só tô triste hoje porque tô cansada. no geral, sou alegre.
tô cansada de mim.**

H/ eu acho, assim, que o escritor deseja ser lido.
não adianta nada dizerem pra mim que eu sou escritora
excelente,
aí eu pergunto *o senhor leu? não, senhora, nunca li.*

**C/ eu acho que quando não escrevo eu tô morta.
é muito duro o período entre um trabalho e outro**

**e ao mesmo tempo é necessário pra haver uma espécie de
esvaziamento da
cabeça, pra poder nascer alguma outra coisa.
se nascer... é tudo tão incerto...**

r2 / Hilda, *Lory Lamb* é um ato de rebeldia?

H / é um ato de agressão. não é um livro, é uma banana, a Lory
Lamb,
que eu estou dando pros editores, pro mercado editorial.
porque durante 40 anos eu trabalhei a sério, tive um excesso
de seriedade e de lucidez, e... não aconteceu absolutamente
nada.

**C / não altera em nada. não altera em nada.
eu escrevo sem esperança que o que eu escreva
altere qualquer coisa. não altera em nada.
r1 / então por que continuar escrevendo, Clarice?
C / [acende um fósforo, acende o cigarro]
e eu sei?**

H / eu acho que as pessoas precisam ser acordadas. é muito
importante,
se a pessoa tá dormindo muito tempo, você de repente
faz uma ação vigorosa pra que a pessoa se levante.

**C / agora eu morri. vamo ver se eu renasço de novo.
por enquanto eu tô morta.**

r2 / Como a crítica, que costuma te colocar num pedestal ao
lado de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre os grandes
monstros Sagrados da Literatura Brasileira, reagiu ao teu livro
O Caderno Rosa?

H / eles estão mortos, estão famosíssimos... daqui uns anos eu
vou... daqui a 50 anos vai ser ótimo! eu na cova, acho que vai

lindo, eu famosa e tudo... [risos]

[começa a tocar um remix: um funk feito a partir da frase eu na cova, acho que vai ser lindo, eu famosa e tudo. na tela, a colagem mistura zumbis, cemitérios, aplausos, flashes de câmera, risos.

os atores saem retirando o cenário de entrevistas. em instantes, voltam carregando uma parede transparente de acrílico sobre um suporte de rodinhas.

enquanto a música toca, fazem um manifesto ao vivo: colagem de cartazes, desenhos, pinturas, recados, pichação.

a plateia ainda não consegue assimilar o que está acontecendo, a tela transparente está contra a luz do telão. no fim do videoclipe, as luzes do palco se acendem. no vidro, se vê a explosão de palavras e figuras:



ANA BRAZ

Luso-brasileira, quando criança criava os livros que gostaria de ler. Vive ao redor das palavras: as faladas (é psicóloga) e as escritas (é escritora e aluna do Mestrado em Escrita Criativa). Tem publicações académicas e literárias (contos e crónicas). Acredita que tudo pode virar um bom texto. Instagram: @anacarolbraz

LET'S DANCE

*"Let's dance
For fear tonight is all"*

Gritos, correria, suor, papéis pelos ares, vozes frenéticas, gráficos de um minuto com subidas e descidas repentinas. Se desespero fosse um odor, uma pessoa que adentrasse no salão central da bolsa de valores sentiria um cheiro bastante incômodo ao andar por entre as centenas de homens, todos réplicas de si mesmos: ternos alinhados, cabelos bem arranjados, relógios ganhos como recompensas pela liquidez nas transações. Formigas andando umas atrás das outras, em danças desengonçadas e previsíveis em círculos concêntricos. Ao centro do formigueiro atordoad, um homem com os cabelos bem cortados e penteados, a barba bem feita e um sorriso sereno parecia meditar. Era Jesus.

Depois que a padaria dos pais entrou em falência, viu seu sonho de cursar a Faculdade de Física ser adiado por tempo indeterminado. Compôs músicas raivosas e melancólicas para lidar com o término. Ficou dias sem dormir, fumou todos os cigarros até o dinheiro acabar.

Deixou de atender às ligações de Judas, Tomé, Madalena e Inácio. Os amigos e companheiros não sabiam mais o que fazer, não o viam desde o último dia de funcionamento.

Quem antes fazia pão passou a fazer contas para trazer o pão. E planos, que quase sempre acabavam na página dois, afinal Jesus tinha experiência com a panificação e nada mais – talvez o caixa da Anunciação e só. Chegou ao fundo do poço da descrença, mas não ficou muito tempo por lá, as dívidas tinham de ser pagas. Numa noite, o corpo exaurido após as seis madrugadas despertas entregou-se ao sono. Acordou com o rosto colado a uma mesa da Anunciação à noite, sozinho. A cervical queixava-se da posição, os joelhos também. Um clarão veio da cozinha, seguido por uma voz:

Jesus?

Tomé?

Não.

Judas?

Não.

Inácio?

Não me conhece.

É algum credor?

Não também.

O que você faz aqui?

Trago uma solução.

A essa hora? Que droga você usou?

Nenhuma – a voz ri.

O que você quer, então?

Ajudá-lo a sair de onde você está.

Claro, um coach motivacional, a essa hora só poderia ser!

Também, não, Jesus. Tenho algo que pode mudar a sua vida.

Esquema de pirâmide? Se for, está perdendo o seu tempo.

Não, Jesus, você não acredita em experiências transformadoras?

Dealer! Sabia, estou limpo há anos.

Não sou dealer – perdendo a paciência – mas você será um scalper trader.

Dealer, trader, tudo dá no mesmo.

Não, não dá.

“Scalper Trader”! o que você usou, cara?

Nada, mas você precisa parar de dificultar a vida de quem faz intervenções divinas.

Intervenções divinas, já sofri muitos anos com esses bullyings – Jesus, para, pensa, coça a cabeça – Não me diga que você é alguém do meu passado que voltou agora para chutar cachorro morto.

Não sou, venho do passado, presente e futuro.

Intervenção aqui só se for psiquiátrica.

Estou vendo que será difícil mesmo, vocês, ateus, são tão complicados.

Você é um Guru religioso! Por que não pensei nisso?

Sou o Gabriel e vim do Plano Superior dizer que tudo vai se resolver, você vai vender tudo, pagar as dívidas e conseguir lucros expressivos. Será tão bem-sucedido que virará trader na Bolsa de Valores. Dos melhores Scalpers.

O clarão desapareceu antes que Jesus pudesse replicar. O telefone estridente da Anunciação toca, fazendo com que Jesus saltasse da cadeira e se desequilibrasse. Ele tenta se recompor a tempo de atender a chamada.

Bom dia, é aí que estão vendendo o equipamento de panificação? Jesus coça a cabeça de novo, não havia divulgado venda alguma. Teria sonhado?

Alô? Tem alguém aí?

É...sim...desculpe. Estamos vendendo, sim – Jesus faz uma pausa, ainda sem saber se era sonho ou não e resolve arriscar – já temos

alguns interessados que fizeram propostas, está bastante disputado.

Posso ir agora ver o material?

Jesus, incrédulo, sorri.

Se conseguir chegar em meia hora, sim, mais que isso vai perder a viagem.

Em quinze minutos, negócio fechado. Em duas semanas, dívidas negociadas e quitadas. Em um mês, sua estreia na Bolsa de Valores. Foi um dia de mão cheia.

[texto para Oficina de Escrita Digital/2º semestre]

SE NUMA NOITE FRIA DOIS LEITORES NA CAMA

No início era o verbo, e dele as moiras teceram passado, presente e futuro. Ninguém poderia escapar delas. Todavia, alguns mortais não queriam estar sujeitos aos caprichos aleatórios das três artesãs do destino e das sintaxes e dos predicados e das declinações. Mas como fugir? Tentaram todos os artifícios: começar e recomeçar livros em diferentes idiomas, esconderem-se em diferentes gêneros, mas Nona, Décima e Morta eram implacáveis e a cada novo artifício, apagavam as memórias dos fugitivos e os colocavam de novo num ponto mais à esquerda da linha do tempo. A cada ação, uma reação. Cansadas do trabalho e do extra, decidiram jogar um novo jogo.

Buscaram um novo fio, de um material para o qual nome ainda não existia, de aparência delicada, mas com uma capacidade de resiliência e de durabilidade jamais vista. Produziram uma agulha com uma ponta muito fina e uma extremidade feita sob medida para o fio novo. Decidiram que ele não poderia ser colocado diretamente na tecelagem, pois assim seria facilmente descoberto pelos mortais descontentes. O fio deveria ser implantado desde o ponto zero.

Durante anos, as três vasculharam por todos os cantos o local ideal. Até que encontraram, sobre a cama, entre ele e ela, no meio dos livros.

Ludmilla fecha o livro, apaga o candeeiro ao seu lado, abandona a cabeça na almofada e diz:

– Apaga a luz também. Não estás farto de ler?

Logo após o apocalíptico, numa noite fria, com pés que se procuravam para se aquecer, corpos que queriam descansar após uma extensa jornada ao lado deles, dos fugitivos, local perfeito e acima de qualquer suspeita. Quando as palavras dançavam no silêncio das páginas, as tecelãs costuravam o fio da história única, em que as palavras fluíam como rios de tinta, carregando consigo fragmentos das histórias que o Leitor e a Leitora haviam explorado ao longo de suas leituras.

ANA CAROLINA GOMES

Ana Carolina Gomes. Feita de palavras e política. Fez-se numa Aldeia-Cidade, encontrou-se na Antropologia, fugiu de Autocarro, conheceu-se nas Causas e nas Lutas, existe enquanto Escreve.
@caroliana.7

ATA

Bom dia a todos. Cumprimentava o Senhor Presidente, os Senhores Ministros, os Senhores Deputados... pela urgência da situação, hoje não temos mais ninguém no hemiciclo. Minhas Senhoras e Meus Senhores. Verificada já a presença do Senhor Presidente, bem como a existência de quórum pelo registo das presenças efetuadas, vamos então iniciar os nossos trabalhos.

Cumpre, como é óbvio, à Mesa dar a seguinte informação, até porque a mesma se prende precisamente com o que nos reúne aqui hoje:

Começamos por informar o Plenário que o Senhor Presidente se atrasou em uma hora e trinta minutos por não encontrar uma camisa passada, bem como a gravata azul. Como bem sabemos e entendemos, até porque todos temos sentido na pele estas dificuldades, o atraso é mais do que justificado, ainda para mais tratando-se do Senhor Presidente, cuja função exige a dignidade de uma camisa bem passada.

Íamos iniciar o Período da Ordem do Dia que, tratando-se esta de uma sessão extraordinária convocada por urgência...

-INTERPELAÇÃO À MESA!

... Sim Senhora Deputada, tem a palavra.

-A Ordem de Trabalhos não foi antecipadamente divulgada.

Com franqueza Senhora Deputada, se me tivesse deixado acabar teria evitado esta interrupção. Retomando o que estava a dizer, esta sessão tem ponto único sem obrigatoriedade de divulgação prévia da Ordem de Trabalhos dado o estado de emergência vigente.

[protestos na ala esquerda do plenário]

-A emergência não interrompe a DEMOCRACIA!

Senhora Deputada, com efeitos imediatos fica sem palavra neste plenário até indicação em contrário. Agradeço que o microfone da Senhora Deputada seja desativado.

[protestos na ala esquerda do plenário, pouco audíveis pelas características acústicas do espaço, com maior absorção de som nos setores problemáticos do hemiciclo]

Vamos então, ordeiramente, retomar o propósito desta sessão. Por isso, dava a palavra ao Senhor Primeiro Ministro.

Muito obrigado Senhor Presidente. Iria então fazer a comunicação que preparei para esta Assembleia. Senhor Presidente da Assembleia, Senhor Presidente, Senhores Ministros, Senhores Deputados.

Como é de todos conhecido, estamos neste momento em Estado de Emergência. Mas o nosso estatuto e responsabilidade exige-nos, para além de reconhecer a emergência, procurar medidas que a minimizem ou solucionem.

Pois bem, é sabido por todos, pois todos têm sentido na pele as dificuldades da situação, que os pequenos eletrodomésticos deixaram de funcionar.

Já todos fomos impedidos de uma torrada e de um café ao pequeno-almoço. Já todos nos confrontamos com a dificuldade em encontrar uma camisa passada, como o Senhor Presidente esta manhã, com quem me solidarizo. Já todos tivemos que deixar crescer a barba, ou até começar a comer refeições cruas e frias.

Sabemos também que esta pode ser uma situação que se prolongará. A comunidade científica não está a conseguir encontrar uma justificação ou uma solução.

Dizem os extremistas de esquerda que em tempos tivemos fogões a gás e lâminas, tecidos reciclados que não vincam, caldeiras para aquecer as refeições... A recuperação destas tecnologias arcaicas, sem qualquer outra adaptação, seria uma irresponsabilidade, é uma utopia, pura cegueira ideológica!

Temos sim, à nossa disposição, uma solução, permitam-me a expressão, simples e indolor, mas que exige verdadeira coragem democrática!... E que nesse caso até justificará a reintrodução de fogões a gás ou ferros a carvão.

Assim, peço a sensibilidade dos Senhores Deputados para o seguinte facto: durante quase toda a nossa história, foi reconhecido que as tarefas domésticas são melhor asseguradas pelas mulheres. Todos sabemos que cuidar, cozinhar, limpar faz parte da natureza feminina, que as mulheres têm uma inclinação natural para estas coisas para que nós, homens, não temos jeito nenhum.

Pois, neste seguimento, o que trago como proposta a esta sessão,

é a implementação da seguinte medida, cuja redação passo a ler:

“Com efeitos imediatos, todas as mulheres, ou pessoas cuja identificação como homens suscite dúvida, são dispensadas das suas funções profissionais, ou quaisquer outras que doravante impeçam a sua dedicação exclusiva às tarefas domésticas, ao cuidado da casa e da família.”

Terminei Senhor Presidente da Assembleia.

Obrigado Senhor Primeiro Ministro. Senhores Deputados de esquerda, queiram conter os vossos protestos. Embora não os ouçamos, a vossa expressão corporal é demasiado efusiva e incomodativa ao bom decorrer desta sessão.

Tenho já uma inscrição.

Senhor líder parlamentar do MBC - Moderados dos Bons Costumes, tem a palavra.

Muito bom dia a todos. Senhor Presidente da Assembleia, Senhor Presidente. Senhores Ministros. Deputados. Uma saudação muito especial neste momento de grande dificuldade. A minha intervenção Senhor Presidente vai ser muito rápida e queria apenas deixar aqui a seguinte proposta: as Senhoras Deputadas, naturalmente, pela proximidade ao assunto, não estarão capazes de avaliar e votar objetivamente a proposta que o Senhor Primeiro Ministro nos traz. Assim, proponho ao Senhor Presidente da Assembleia que comece por votar a presença das senhoras deputadas neste plenário. Disse.

Muito obrigado senhor deputado do PBC. Como já nos habituou, apresenta uma proposta com grande pertinência. Assim, coloco a votação a seguinte proposta:

“As Senhoras Deputadas devem ausentar-se de imediato no

hemicycle, não reunindo as condições de idoneidade para discussão e votação da Ordem de Trabalhos.”

Quem vota contra? Quem se abstém? Quem vota a favor?

A proposta foi aprovada com 44 votos contra, 48 abstenções e 138 votos a favor.

JARDIM DA CELESTE

O calendário dizia 1940, mas a menina mais nova de três irmãos não sabia ler. Os seus joelhos esfolados correram para o jardim, onde ajudou a mãe galega a sacudir sementes minúsculas de um pacote de cartão para a terra seca de um vaso de barro.

Em 1974, migrada da aldeia para a capital, já sabia ler e fazer trocos no restaurante Sir do edifício Franjinhas. Certo dia, também o destino fez trocos e trocas. Em vez de distribuir pratos e copos, a mulher plantou um cravo no cano da espingarda do soldado que lhe pediu um cigarro.

Em 2024, tem medo que o nome da avenida que lhe é vizinha deixe de ser Liberdade. Já velhinha, encontrou no fundo de uma gaveta uma saqueta de sementes de cravos vermelhos. Repetiu o gesto de menina e regou bem a terra.

Em 2074, agora eterna, colheu cem cravos num jardim vermelho.

BRUNO MOLINERO

Bruno Molinero é jornalista. Formado pela Universidade de São Paulo, já trabalhou como editor, colunista e repórter e, desde 2010, escreve sobre literatura infantojuvenil na Folha de S.Paulo, jornal em que assina o blog Era Outra Vez. Em Coimbra, atualiza a newsletter Bafo do Mondego. É também autor dos livros de poesia "Alarido" e "Férias na Disney", ambos lançados pela editora Patuá, e dos infantojuvenis "Corpo de Passarinha" (editora SM) e "A Língua do Vendaval" (editora ÔZé).

COTIDIANO

todos os dias o menino acordava chorava sentava na borda da cama esticava as pernas ia pro banheiro mijava um jato escuro descia até a cozinha comia banana amassada com aveia torrava duas fatias de pão misturava nescau no leite vestia o uniforme corria pra escola almoçava um lanche mesmo reclamava das metas e da falta de tempo saía do escritório com um zunido na cabeça tomava logo dois comprimidos buzinava durante uma hora e meia no trânsito xingava os motoqueiros chegava suado em casa entrava no banheiro admirava o jato clarinho mal respondia às perguntas da mulher durante a janta assistia ao jornal na tevê exclamava contra a violência desse país de merdas sentia um leve aperto no peito temia estar infartando estranhava o sobrado vazio e silencioso há tantos anos levantava no escuro tossia uma mistura de artrose e pressão alta caminhava devagar pra não escorregar se apoiava trêmulo nas paredes de azulejo do banheiro fazia um esforço danado pra soltar três ou quatro pinguinhos cor de lama até que

olhou

no espelho e viu refletido um velho. desconhecido.

VEM SAMBAR

vem vem sambar curupira vem mostrar sua alegria vem vem bem miudinho trazer seu frescor pros lados de cá curupira vem sambar ensinar requebrar sincopar o calcanhar vem sambar curupira divertir a malta com seu abadá baforar glitter e serpentina rodar salivar até cair lambuzar sambar zanzar curupira sim sinhô sinhô vem vem ser ursa polar desfilas de casaco amolecer nossas bocas exibir seu sorriso e suor tropical vem despejar o sumo do maracujá a ereção do abacaxi o batom azul do açaí sambar curupira zunir vem chamar o saci e o boitatá beijar iara e iaiá vem vem cá nos servir curupira trazer a cerveja e os tremoços a alheira e a orelha vem explicar o que é o abará o aaru o acarajé o vatapá e o toque do adarrum curupira vem vem apresentar salvador e o suco do caju mas vem logo já pra suar rodar gritar frevar o rabo arraiar esfregar o garfo até cansar curupira sambar isso vem vem pra cá nos encantar curumim balançar a bunda o caboclo lançar vem mas não esquece os nossos pedidos queremos provar caipirinhas caipiroskas tapiocas e não pode demorar viu estamos sem almoçar vem curupira nos dar maracatu a capa negra de exu o blem do berimbau bernúncia e marujada vem entornar pajauaru com tucupi ter ressaca de bijajica com tutu vem vem saciar a nossa sede curupira nos massagear com guaraná e ervas das matas que vocês não sabem cuidar vem faz careta cospe jurema jamanta jaçanã toca pandeiro tantã cuíca rum rumpi e lé o agogô e o xequerê isso curupira mais pra gente poder filmar gravar o erê a gira obatalá farrear o afoxé vem deixa de enguiço pede pros bambas caprichar que o samba tá baixo a carranca sumiu o prato tá frio precisa trocar vem curupira mas vem já meu menino na ponta dos pés vem vem obedecer acatar atender registrar nossas selfies com boto e carcará momo e colombina pelintra e caipora iansã e iemanjá isso anota tudo bem direitinho pra não errar vem vem sacudir colorir alegrar mas

olha escuta muita atenção na quarta de cinzas assim que o dia raiar
pode sumir tá correr pra bem longe pros lados de lá deixa a gente
trabalhar estudar produzir o pib engordar pois aqui curupira não tem
serviço ainda mais pra você é difícil nem adianta procurar então avisa
a sua laia oxalá matinta catirina e a turma do boi-bumbá pode sambar
pode sorrir pode sangrar e seus santos batucar mas só por hoje vem
vem vem sambar curupira aproveita porque depois quando o galo
cantar vê se não erra limpa toda essa bagunça tira o lixo e volta já
pra sua terra

[texto para Oficina de Poesia /2º semestre]

CAMILA FILIPA

Licenciada em Teatro (ramo Atores) pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Os seus interesses situam-se nas áreas das artes e cultura. Fez parte de vários projetos na área da atuação como a peça “Roman de Fauvel”, que teve apresentações no Teatro Municipal São Luiz e no Teatro Viriato (2022) e a curta-metragem “Aqui ninguém nos vê”, com estreia no Leiria Film Fest (2023). Estagiou na companhia Jimena Cavalletti, em Espanha, auxiliando com a criação, transporte e execução de vários projetos. É também uma das autoras da Antologia *A leitora*, lançada em 2024. Para além disso, é gestora de projetos na Bonae Spei – Associação Cultural. Instagram: @camilafilipa.rio

CASA DE BANHO PÚBLICA

Carmo Esteves é uma cabra

Escreveu estas palavras com a mesma caneta vermelha usada para corrigir uma catrefada de testes ao longo do ano. A campainha soou, anunciando o fim do intervalo e Carmo saiu, sorrindo, de dentro do cubículo.

.I.

De repente, vê-te rodeada por eles. Apercebeste de que a forma fálica é muitas vezes usada como ato de vandalismo. Mas e a vulva? Quando foi a última vez que viste o desenho de uma vulva num lugar público? Apesar de teres uma, serás capaz de desenhá-la?

<3 *morena simpática* 929 205 572 <3

- Funerária Rainha dos Anjos, em que podemos ser úteis?

Não perdes a cabeça por usar um decote

Foi a primeira frase que li, às três da manhã, numa noite de Queima, enquanto vomitava na Associação Académica. Sorri à rapariga que encontrei na saída e voltei a acreditar na sororidade.

[texto para Ficção Narrativa/2º semestre]

PODES

Podes
podes
podes
podespodes
poodespodes
podespoodes
podespodespodes
podespodespodes
poodes
poodes
podespodes
podespodespodes
poodespodespodespodespoodespodespodes
podespodespodespoodespodespodespoodes
poodespodespodespoodespodespodespodes
poodespodespodespoodespodespodespodes
poodespoodespodespodespodespoodespo
despodespodespodespodespoodespoodes
poodespodespodespodespoodespodes
podespodespodespodespodespoodes
podespodespodespodespoodes
podespodespoodes
podes podes
pooo desp
ode spo
oo od
de sp
od es

podespodespoodespodespodespodespodespoodespodespodespôrumpoema?

CLARA S.

Para Clara S. a literatura é um susto que ergue à sua volta uma floresta em contraluz. A ficção é o corpo mais concreto que liga Clara S. à realidade. Clara S. está em processo de autoficção.

*

Clara S. é o pseudónimo literário de Ana Pedrosa (Porto, 1980). Arquiteta formada pela Universidade do Porto, a sua prática criativa passa pela problematização da vivência do espaço comum, pela gestão cultural, escrita, colaboração na Rádio Manobras e na Associação The Future Design of Streets e, ainda, dança contemporânea. Entre outros, tem obra publicada na antologia coletiva *A Leitora* (Universidade de Coimbra, 2024), é coautora de *Realismo Mágico* (Rádio Manobras, 2017), *Manobras no Porto: que cidade é esta, que cidade pode ser esta?* (Município do Porto, 2013), e autora de “On the Ambivalent Peripheral Condition of Historic Porto” (Myrdle Court Press, 2010) e “Arquitetura: estudos e possibilidades de transversalidades” (Universidade do Porto, 2008).



CLARA S.
RETRATO DE RICARDO LEITE

III FERIDAS



sou de
bela feroz
uso do
rosto gume

aguço lâminas sob a saia
sangro raça sobre o pano

sai
corre
ascende
e desce
trepadeira parasita
parteira trapaça

a veia magna que me bombeia
é garrote que me estreita

latejo por fora
sou mulher de interior avesso
aparto joelhos
junto mãos coaguladas
exibo segredo de carne
junto ao seio coronário

sou de
bela feroz
uso do
rosto gume
latejo por fora
sou mulher de interior avesso
aparto joelhos
junto mãos coaguladas
exibo segredo de carne
junto ao seio coronário
aguço lâminas sob a saia
sangro raça sobre o pano
trepadeira
parasita
parteira
trapaça
desce
ascende
corre
sai
garrote
que me estreita
a veia magna
que me bombeia

LÍNGUAS 200 E

206

– Agora vejo a chuva agarrada à janela, diz Joaquina. Conto as gotinhas, conto-as como dias do calendário, como contas do terço, risquinhos na parede de uma cela, o disparate, Joaquina. Como uma cela de vidro que me traz de lá, de lá da cintura interna, de lá da cintura externa, lá de São Pedro da Cova para aqui, traz-me para aqui e volta. Traz-me noitinha e volto noitinha. O dia não há lá em São Pedro. Sonho às vezes que apanho um dos 500 ou até mesmo um dos 900 que atravessam o rio. Que delícia, um autocarro avariado que se fica, que não me traga mais. Um autocarro partido por dentro. Às vezes sinto que eu também estou partida. O disparate, Joaquina.

901

– O caralho que a foda, percebes? Percebes isto? Por muito que faças, não adianta. Vem tudo parar a tua casa. Podes fazer tudo direitinho que vem sempre ter contigo. Compreendes? Bem podes sair, nunca saís. Percebes o que te digo? Podes vir para aqui, podes andar por onde quiseses, o dia todo no laré, o dia todo se quiseses. Quando chegas, cai-te tudo em cima. Não te adianta nada a senha do autocarro na mão. Não senhora. Bem podes querer mudar, mas não saís da sepa torta. Pintas os olhos de azul, pões-te na alheta, mas não senhora. Bifinhos de frango, o tanas! Percebes? A vida encarreira para um lado e tu estás fodida. Nesta história, és tu quem está fodida, estás a compreender?, diz Dininha.

508

– Morri, diz Maria Alice. foi logo logo, mal entrei... estava a ir tão bem... tentar mais uma vez... também, que mais? goma goma rebuçado violeta chicla feijão linha feijão 60 verde estrela 60 60 240 sweet!... goma chicla chicla chicla quanto mais rápido melhor vermelho delicious! score 41.312 violeta flor goma feijão feijão o que não aguento é o silêncio... chocolate cruz 120 600 vá lá tasty! linha donut violeta aquela casa todo o dia em silêncio rebuçado rebuçado ainda não é esta paragem divine! chocolate peixinho diagonal não há ninguém que lhe grite? peixinho sugar crush! na próxima é a minha e aí sim, aí é que morro mesmo... desço... também, que mais? cuspo a chicla.

703

– Estou acordada, diz Ana. Pedi para parar, mas o autocarro continua a levar-me. Segue demasiado veloz e vai por estradas que não conheço. Não sei como pará-lo. São duas da manhã e estou enjoada, quero sair. O motorista não me ouve, segue surdo e cego dentro da cabine. Somos muitas aqui dentro. Tenho medo que continue assim até ser dia. Olho-o melhor no rosto e ele não tem olhos, mas as mãos conduzem. Cravo a unha no alumínio, tiro o comprimido e engulo em seco, a ver se mato a insónia.

GABRIELLA ANDRIETTA

Licenciada em Ciências Psicológicas e mestre em Neuropsicologia pela Universidade de Coimbra. Tem experiência em investigação em neuropsicologia e neurociência, sendo integrante do grupo de investigação Consciousness and Mental Awareness (CO&MA) do Proaction Lab (Universidade de Coimbra). Em sua tese de mestrado, explorou estados de consciência relacionado à experiências com narrativas ficcionais, unindo seus interesses científicos e criativos em um projeto que a fez repensar sobre a escrita, a leitura e seu próprio trabalho criativo.

A MULHER

Ali, sentada na cama, ela parecia quase humana. Cabelo platinado curto. Olhos cinzentos. Pele clara. Corpo ampulheta. Personalidade meiga e carinhosa, com um leve toque de ousadia. Nenhuma imperfeição à vista. Exatamente como Eli a tinha encomendado.

A pele era macia e morna, do jeito que pele tinha que ser. A temperatura perfeita para não incomodar no verão e reconfortar no inverno. Com a curiosidade de alguém que nunca tocou outra pessoa, as mãos de Eli percorriam cada curva do corpo da robô. Braços, seios, coxas. Cada canto era um novo descobrimento. Sob seu toque, a robô fazia o que foi programada para fazer. Sussurrava, suspirava, gemia. Ela imitava o prazer carnal como se realmente o sentisse.

A robô era quase perfeita. Expressiva, reagia a cada toque, a cada fala, cada pequeno movimento.

Eli olhava para aquele corpo perfeito, para aquelas reações perfeitas, para aquele ser quase perfeito, e se perguntava por que não conseguia avançar. Por que não conseguia beijá-la, olhá-la nos olhos, amá-la com tudo que tinha a oferecer. Ela era tudo que Eli sempre quis em uma mulher, mas ainda tinha algo inquietante nas suas expressões, no seu rosto. Não era feia, longe disso, tudo tinha sido esculpido à perfeição, mas não era algo.... natural.

Eli tentou de tudo, fechar os olhos, ignorar a sensação de desconforto, se dedicar ao corpo com que sempre sonhou. Nada funcionou. No fundo, Eli sabia que ela não era humana, e isso fez toda a diferença.

[texto para Ficção Narrativa/2º semestre]

MARTA

Marta tem vinte e duas canecas. Não por opção, ela não tinha comprado nenhuma delas. Por algum motivo, Marta passava a impressão de ser uma pessoa que gostava de ganhar canecas e não seria educado recusá-las. De onde a estranha tradição surgiu, Marta não sabia. Ela não costuma beber café ou chá, não expõe a sua coleção e nem mesmo gosta de dar novos usos a objetos que tem uma função tão óbvia. Era normal as pessoas ganharem canecas? Era algum tipo de tradição? No caso dela, obviamente sim.

Hoje Marta ganhou sua vigésima segunda caneca, marcando o dia

em que ela tem mais canecas do que anos de vida. Uma consequência esperada, mas ainda fascinante.

Ela agora tem uma curiosidade para usar naqueles jogos de quebrar o gelo como “duas verdades e uma mentira”, afinal, Marta nunca sabia o que falar nesse tipo de atividade.

Colocando a caneca de pinguins dançantes no pequeno armário que guarda sua coleção, Marta tira um minuto para observar o estranho conjunto. Ela não tem “só” vinte duas canecas, ela tem vinte duas canecas estranhamente estampadas. Um bigode, uma frase estranha, um animal cheio de si... todas elas têm uma peculiaridade e, por nada no mundo, Marta consegue entender a lógica por trás desses presentes.

[texto para Oficina de Escrita Criativa/1º semestre]

MANUELA SILVA

Manuela Sofia Silva é doutorada em Estudos de Literatura e de Cultura pela Universidade de Lisboa, onde também concluiu o mestrado em Estudos Franceses. É professora adjunta convidada do Instituto Politécnico de Tomar desde 2018 e é investigadora no Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes (Techn&Art). Colabora, igualmente, com a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém (desde 2022). Interessa-se pelas relações entre literatura e a cultura, a reescrita, a autoria feminina, assim como a escrita criativa e de ficção. Passados vinte anos regressa à casa onde se licenciou em Línguas e Literaturas modernas para frequentar o mestrado em Escrita Criativa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É autora de *Programa de Escrita Criativa para sobredotados* (2016); *Reescritas das Cartas Portuguesas em Portugal*, seguidas do conto *As Cartas que nunca te escrevi* (2023) e *Maria no País dos brinquedos (in)úteis* (2023).

[SEM TÍTULO]

Beja, janeiro de 1669

Noël,

O amor que tenho em mim impede-me de acreditar que me votaste a um abandono que não desejei e que tu dizias não quereres para mim! Por que não me levaste contigo para França, onde dizias eu pertencer, mais a ti do que a Deus?

Sacrifiquei a minha honra e a minha reputação ao entregar-me toda a ti, sem preconceitos e sem pudor. Como não corresponder às tuas doces palavras que me persuadiam de um amor desmedido?

Ai de mim! Deveria ter desconfiado que a felicidade e os prazeres que experimentei contigo acabariam bem mais cedo do que o meu amor. Mas que queres que faça? Estou bem longe de tudo quanto pensei e toda a minha religião não é, agora, senão amar-te perdidamente.

Detesto o sossego em que vivi antes de te conhecer e prefiro mil vezes sofrer quanto sofro do que deixar de te querer.

Ao menos escreve-me amiúde. E sobretudo vem buscar-me, como me prometeste. Eu seguir-te-ei e amar-te-ei por toda a parte.

A tua Mariana

Beja, setembro de 1668

A vela em cima da pequena cómoda arde lentamente, iluminando brandamente a cela. É noite cerrada e o silêncio das paredes do convento é cortado pela chuva miudinha que, entretanto, começou a cair lá fora. Mariana está deitada no catre, ainda com um sorriso no rosto, o corpo desnudo, coberto pelo linho até ao nível do peito enquanto Noël abotoava as calças e consertava a camisa. Passou as mãos pelo rosto de Mariana, descendo até ao peito e suspirou.

— Amanhã parto para França, querida. O meu Rei precisa de mim — disse, enfim, secamente.

Mariana, lívida, levantou-se da cama, abraçou angustiadamente Noël. Mas o amante rapidamente procurou libertar-se daqueles braços que de repente lhe pareciam mais pesados, menos quentes e desejados.

— Leva-me contigo. *Emmène-moi avec toi!* — repetiu-lhe, Mariana.

— *Impossible. C'est impossible. Notre amour est impossible* — respondeu sem qualquer gesto de ternura.

Beja, maio de 1668

Mariana e Brites de Brito estão à janela de onde se vê Mértola admirando o desfile da cavalaria francesa que se encontrava aquartelada em Beja há alguns meses. Os movimentos, as cores e os sons perturbavam o silêncio daquela cidade pacata, dando alguma animação e motivo de conversa ao povo entediado e entorpecido pelo calor do início da tarde.

As freiras agitavam compulsivamente as vestes para afastar o calor que lhes corria pelo corpo, à medida que o cortejo de homens avançava, excitadas por calores e motivos que ofenderiam a Deus, não fossem os cavaleiros, enviados pelo Altíssimo para bem do nosso país.

Assim, madres, freiras e noviças, todas sem exceção, podiam assistir àquele espetáculo, maravilhadas com a obra de Deus, tão esbeltos homens, armados e vestidos a rigor, uns a cavalo, outros a pé, que marchavam ao som compassado dos tambores.

Mariana, mordida o lábio inferior e passava as mãos pelo pescoço coberto. Toda ela escaldava ao olhar para um cavaleiro que parecia ter fixado os olhos nela. De entre todos, Mariana notou Noël, conde de Chamilly, a pé, fazendo o seu cavalo dançar à frente dos seus passos, aproximando-se mais da janela como se quisesse tocá-la.

*

— Mariana, esperam-te no locutório — disse-lhe Brites de Brito, piscando-lhe o olho e com um sorriso cúmplice.

— Noël Bouton, conde de Chamilly, para vos servir, senhora, afirmou, inclinando levemente a cabeça a Mariana. — Querendo, o meu coração é seu — acrescentou, murmurando.

Mariana fez-lhe uma vénia e sorriu amargamente, antecipando um sofrimento que ela ainda não conhecia.

São insondáveis os desígnios de Deus, pensou Mariana antes de abrir a porta. Mas faça-se em mim a Sua vontade, rezou olhando para o crucifixo pendurado por cima da porta.

Já a noite ia a meio quando Noël penetrou na cela de Mariana, num silêncio sepulcral e perturbador. Abraçou-a. Não foram precisas palavras para que os seus corpos confusos, cobertos pelo linho espesso, se descobrissem.

Mariana nascia, enfim, para a vida e para o paraíso perdido. A vela ardia lentamente até ao fim. Até que tudo foi escuridão.

PÓS-PARTO

Para a minha filha

Coimbra, 30 de abril de 2019, 16h41

— A placenta já saiu? — perguntei, ainda com as pernas dormentes, e enquanto a enfermeira maneava a finíssima agulha gigante entre as minhas pernas. Pairavam na minha mente aquelas histórias que nunca devem ser contadas antes de se parir um filho: uma placenta que ficou esquecida no interior do útero, linhas ou objetos cortantes e contundentes deixados no interior do corpo que provocam facilmente infeções que podem levar à morte. Facilmente imagino que morreria descansada, se assim tivesse de ser.

A jovem enfermeira loira calçou a minha barriga ainda inchada e com as formas deixadas pela presença da minha bebé durante 38 semanas como se retirasse o ar a um balão e puxou uma estranha coisa castanha que lançou com indiferença para aquilo que me parecia ser uma balança antiga de merceeiro.

— Está aqui — Respondeu com um sentido prático natural que me afligiu. E continuou o seu intenso trabalho de costura.

Olhei impressionada. Que nojo. Quase fiquei enjoada. Os dejetos de um corpo cansado e meio-desfeito por dentro e por fora. Parecia um enorme pedaço de fígado de porco morto por dar a vida. A maravilha da maternidade.

Eu sozinha com o meu corpo mutilado de um pedaço que dorme lá fora ao colo da minha mãe que chora que espero que regresse a mim. Ajudar a nascer parece ser algo tão natural como viver. O mesmo já não acontece para ajudar a morrer. Mas tanto na morte como após ter parido um filho estamos invariavelmente sozinhos com o corpo. Um corpo.

Depois daquele momento sem me poder mexer, senti uma enorme vontade de ir à casa de banho. Sem me poder levantar, a enfermeira colocou-me uma algália para poder fazer xixi. A miséria do corpo humano. A posição do corpo. Desprotegido na sua nudez. Frágil. Inútil. Com a bexiga cheiíssima não saía uma gota. Só pensava na pequenez do meu corpo diante a enormidade de ter parido.

— Vá, mãe! Já pode fazer xixi.

A miséria do meu corpo. A posição do meu corpo. A exposição do corpo. Desprotegida na minha nudez diante uma desconhecida travava qualquer necessidade fisiológica. Apagava a poesia do momento, se alguma houvesse.

Não pude encontrar a beleza romântica do parto mesmo tendo corrido bem.

A finitude do corpo. A posição indefesa. Ali não há beleza nem poesia. Ali todas somos iguais. Ali o corpo é que paga. Não há poesia, há prosa, há corpo.

O corpo que pariu um poema: tu.

M.L. VIEIRA

M.L. Vieira é licenciada em Animação Digital. Trabalhou como designer e editora de vídeo durante quatro anos. Atualmente trabalha como freelancer na área de ilustração, design, escrita e educação. É cocriadora, editora e designer da revista de ficção especulativa PACTO. A sua novela gráfica *2518* foi premiada na Mostra Nacional de Jovens Criadores em 2023 na categoria de literatura.

Website: www.mlvieira.com

Instagram: @art.of.mlvieira

CAPITAL ABISSAL

Pica o ponto *ASAP*
Sobe as escadas, estás *on deck*
Liga o PC, fazemos um *circle back*
Nesta *call*
Deep dive.

A nova aquisição foi *game changer*
Segundo o sumário *one-pager*
Trim the fat nesse e-mail
Temos de cultivar
Synergy.

Isto é a nossa *wheelhouse*
Vamos lá *team*, fazer um
browse Subir os *numbers* nesta

sheet Get on board
No nosso *meet*.

Hard stop.

E os escravos
Crianças e mulheres
Exploradas sem hesitação
Sem porquê ou razão
Invisíveis numa luta
Sem existência
Ou resistência.

Under the rug.

O que importa
A nossa *footprint*
Quando reinventamos a
wheel? Compra *cheap*
Sobe o *profit*.
Ignora a *sweatshop*
On top.
Estamos *good to go*
Get on board
neste cash flow
Só há *pros*
Boil the ocean
Let's go.

O GRITO

Estava a olhar para a lua quando o ouvi. O grito. A voz desencarnada que cortou a brisa da noite. Cortou o silêncio. Esfarrapou o embalar da floresta, os ritmos ancestrais a que chamamos casa.

Estava do outro lado da janela quando o ouvi. Sentada ao pé da lâmpada de óleo que me deste, a desenhar os contornos do céu com os meus olhos cansados. Já passava da meia-noite. Tentava proteger-me do frio que comia as pontas dos meus dedos. Mas não foram os cobertores ou o fogo da lareira que me aqueceram. Foi o grito. O grito gelado de uma mulher que ecoou entre os troncos das árvores, entre as folhas mortas e o chão coberto de neve.

Estava sozinha quando o ouvi. À espera que a tua sombra aparecesse pelo caminho apagado do bosque. Esperava a figura familiar que me protegeu desde pequena, a forma dos olhos de um homem bondoso. Mas não te encontrei no meio da escuridão. Nunca depois daquela voz lamuriosa, carregada de uma dor que viajou pelos corredores da vastidão à minha volta. Uma voz que penetrou as paredes de pedra da nossa casa, fez vibrar a janela coberta de geada.

Abandonei a segurança de um lar frio para te procurar. Pinteí pegadas no manto de neve, em direção ao bosque e aos ecos reverberantes. A lanterna de óleo serviu de pouco conforto. Piedade não encontra lugar numa noite de inverno.

“Pai?” chamei por ti.

Nada. O silêncio da neve abafou a minha voz, partiu-a em dois com uma força inquieta. A floresta devorou todos os meus tons, profunda e implacavelmente.

Andei em direção ao grito e ao terror de um brado desenfreado. Lutei contra a voz dentro de mim, a voz que dizia para voltar para trás, e esperar ao pé das chamas da lareira enfraquecida que me deixaste.

Mas não consegui resistir às palavras sem sentido que ecoavam pelo bosque, ao grito sem língua, ao clamor de uma alma penada. Um aviso. Uma mensagem.

Encontrei o teu corpo numa cama feita de luz de luar. Os teus olhos, abertos para o céu, aparentavam-se livres de ti. Ajoelhei-me ao teu lado, por cima do cobertor branco do bosque assombrado. Sem pensar, dei-te a mão. Dei-te o calor que me restava nas veias e no sangue. Sangue meu e teu.

Arrastei o que restava de ti até casa. Cavei um túmulo ao lado da lápide sem nome que encontrámos tantos anos atrás, e tapei o teu corpo com terra e neve e gelo. Chorei até as lágrimas congelarem no meu rosto.

E agora estou aqui, a falar com ninguém. Contigo. A falar com a floresta e os ritmos ancestrais a que chamamos casa. A pensar no grito, na mensageira da morte. Nunca me vou esquecer daquele clamor, naquela voz que te trouxe de volta a mim. De volta a casa.

RITA ANDRADE

Rita Andrade tem 22 anos e é natural de Santa Maria da Feira. No secundário decidiu inscrever-se num curso teórico-prático de desporto e foi entre espargatas e corridas de meia hora que reparou que o seu interesse estava nas artes e humanidades. Foi parar a Filosofia quase sem querer e apaixonou-se imediatamente, principalmente pela estética e pelos existencialismos. Licenciou-se em 2023 pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Depois percebeu que só havia uma forma de conciliar-se com a inquietação da falta de respostas: criar. Foi esse o mote que a levou a inscrever-se no Mestrado em Escrita Criativa, que se tem revelado uma experiência transformadora na companhia de pessoas incríveis que admira profundamente.

RUÍDO

Olha para ele tão estúpido a ler debaixo da figueira com as sardas ao sol e os cabelinhos loiros a escorrer pela testa como se fosse um quadro “Homem Lê debaixo da Figueira”. Alguém que o avise que não estamos na Belle Époque, estamos mais na Époque d’Merde e não há ninguém que o esteja a pintar. Por isso, não precisa de sacrificar a lombar pela pose romântica apoiada no cotovelo.

Ele levanta-se e sacode as calças de flanela enquanto caminha em direção à margem e eu vou atrás dele. Porquê? Por que não? O céu começa a esbater-se, o rio reflete a luz dos candeeiros acabados de acender e ele acende um cigarro.

Todos se acendem, eu incluído, principalmente depois do primeiro trago. Está tudo muito lindo, muito filme francês, mas mais uma vez peço que alguém o chame à razão e lhe diga que de pouco adianta o ar cinematográfico se continuar parado no tempo a viver dentro dele.

Eu bem vejo e tenho visto de perto, ele não faz nada digno de nota. Passa o dia a divagar a deambular pela cidade à custa do dinheiro do pai entre a faculdade e a figueira, sem amigos, sem força de vontade nem sequer vai dar uma corrida ao fim do dia para manter a forma. Nem sequer tenta ser melhor. E assim não vai chegar a lado nenhum já adivinho o quarto isolado cheio de livros e gatos, cenário que fica muito bem na literatura mas muito mal na vida real. Já cheiro o mofo e a solidão.

Enfim. Ele continua a fumar virado para o rio que se foda o cancro no pulmão quando lhe tocam no ombro. É ela. É mesmo ela. Com a argola no nariz e o cabelo vermelho e os olhos mais bonitos do mundo. Já não aparecia há muito tempo, por isso é bom que ele aproveite.

Estás aqui? Claro que está seu burro. Ela ri-se e pergunta o que vais fazer hoje à noite? Ele responde: vou acabar uns trabalhos para entregar amanhã. Mentira. Estou bastante atrasado. Verdade. Então boa sorte. Obrigada. Vemo-nos por aí e despedem-se e ela vai-se embora com o sol e leva com ela a última réstia de esperança. Como de costume ele acobardou-se, é disto que eu falo, deixa-se sempre levar pela ansiedade pelas mãos molhadas de suor, rende-se sempre ao medo de falhar e de viver e adia tudo para a próxima mas depois chega a próxima e ele adia outra vez.

É tão idiota que chega a ser entediante. Sou tão idiota que chego a ser entediante. Quem me dera arrancar as sardas daquela carinha de parvo da minha carinha de parvo estou tão farto dele como ele está de mim. Estamos tão fartos um do outro que me apetece bater-lhe e é aí que ele começa a arrastar os nós dos dedos contra a pedra rugosa do muro sabe-me tão bem o ver revoltado contra mim contra si contra o mundo. Faz mais força, sai mais sangue e eu cresço, cresço e cresço e rio-me tão alto que é tudo o que ele consegue ouvir. Isso, magoa-te. És mesmo ridículo. Somos mesmo ridículos.

Ele começa a hiperventilar e uma mulher baixinha aproxima-se porque estas coisas dão nas vistas quando acontecem na rua, que vergonha. Pergunta-lhe se está bem e ele agarra-se à cabeça como se me conseguisse tocar e chora muito desenfreadamente. Diz-me para estar calado enquanto encara a desconhecida estou maluco só posso estar maluco então a mulher agarra-o com força contra o peito afaga-lhe os cabelinhos loiros e sussurra com voz de mãe.

Está tudo bem. São só vozes da tua cabeça.

SOFÁ AMARELO

Jim Morrison, Jimi Hendrix Janis Joplin. Ele fazia vinte sete na segunda-feira. Kurt Cobain Basquiat Amy Winehouse. E tinha seringas novas por estrear.

O que não se diz sobre as drogas é que são uma merda. Ai, diz-se? Então ele fazia que não ouvia. Sentado no sofá amarelo torrado manchado da noite anterior, decidiu festejar o aniversário mais cedo.

Puxou a manga para cima, apertou o bíceps e espetou convictamente a agulha no braço rompendo a pele fina, epiderme derme hipoderme vaso sanguíneo.

Fechou os olhos e voltou a abri-los. Caralho que moca. No mesmo sofá onde tinha crescido onde tinha passado tardes inteiras a jogar playstation, a ver televisão, onde tinha perdido a virgindade sem querer com um dos namorados na mãe. Mas ele já não a odiava, já não.

A primeira hora é incrível, ele sentia-se no topo do mundo eufóri-

co e dançou sozinho *mama, life had just begun*. O corpo magro esquelético contorcia-se ao som da música *didn't mean to make you cry* chorava de alegria pulava de alegria *if I'm not back again this time tomorrow*. O problema é quando a boca começa a secar e os pensamentos se misturam e deu-lhe a sensação de que o mundo se estava a fechar sobre si e que ele estava a desaparecer com o resto das coisas. Com alguma dificuldade espetou mais uma vez a agulha.

Deitado com a cabeça contra a almofada, ele ria-se, dentes amarelos como o sofá sorriso podre como a mãe.

Primeiro começou a respirar aos solavancos, o ar custava a entrar. Sentiu uma náusea maior do que o costume e um vômito vindo do fundo da barriga vazia.

Expulsou involuntariamente um líquido esbranquiçado pastoso que lhe escorreu pelo queixo depois pelo pescoço e por entre os dedos das mãos que esfregava na cara de desespero. Entrou em pânico, revirava os olhos e agarrava o sofá com as unhas sujas como se se agarrasse à vida. De alguma forma, a vida dele tinha sido aquele sofá.

Não arranjava posição e cada vez tinha uma respiração mais ruidosa, mais ofegante. Tossia e cuspiam saliva até começar a cuspir sangue, não entendia o que se estava a passar, sentia espasmos nos músculos e uma névoa na cabeça. As suas extremidades tomavam tons arroxeados, os lábios secos e azuis.

Percorreu-lhe um arrepio antes de tombar pesado no chão, em cima dela. Dois corpos magros, os ossos chocaram uns contra os outros e o peso dele deslocou-lhe a clavícula. Mas ela já não se podia queixar há algum tempo. Não desde que ele lhe tinha decepado a jugular como se faz aos porcos.

Ele tinha sido o herói até chegar a heroína. Estúpido, morreu a dois dias dos vinte sete, falhando a overdose rock star como tinha

falhado em tudo o resto. Se pudesse tinha culpado a mãe.

Mas agora era como se ele nunca tivesse saído de dentro dela, em posição fetal deitado sobre a sua barriga.

Carry on, carry on, as if nothing really matters.

[texto para Ficção Narrativa/2º semestre]

OPEN CALL

TEXTOS SELECCIONADOS

JÚLIA RESENDE DE PAOLI

Oi! Meu nome é Júlia de Paoli, sou brasileira e quase licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Desde que me entendo por gente, e muito graças ao incentivo dos meus pais e avós, estive sempre lendo e escrevendo. E, como eu sou uma pessoa com uma mente meio caótica, a escrita se tornou um espaço em que eu sempre pude desembaraçar a mim mesma. Nunca publiquei nada de facto, mas dessa vez decidi arriscar e compartilhar um pouco do que eu escrevo com mais pessoas além dos meus amigos.

Instagram: @juupaoli

Twitter: @juu_paoli

O VAZIO É AMARELO

É amarelo, e eu odeio amarelo. Assim como a raiva é vermelha, o vazio é amarelo. É bonito que a raiva seja vermelha, que a raiva sangre, que a raiva cegue. Amarelo não sangra nem cega. Amarelo não é nada; é amarelo.

Mesmo cheio, é amarelo. É amarelo fino, mas implacável, que, como o nascer do sol, se infiltra nos cantos do quadro e aos poucos se apodera de tudo, não importa o quão cheio esteja o vazio. O vazio é uma tela em branco e a tinta é sempre amarela.

Há quem diga que gosta de amarelo. Há mesmo quem diga que amarelo é sua cor favorita. Amarelo forte de pétalas de girassol, amarelo frio de folhas de outono, amarelo quente de entardecer. Os dias tem gosto de amarelo, então há quem se force a gostar dele. Há quem se convença de que amarelo é dourado.

Mas o dourado brilha, não nasceu carcomido por traças como o amarelo. Há quem tente mudar de amarelo, misturando-o ao azul, ao verde e ao vermelho, mas o processo tem a mácula de amarelo. A mistura com o vermelho faz do ódio amarelo e a mistura com o azul esconde amarelo no verde. Nunca conheci ninguém que simplesmente aceitasse o amarelo, ainda que nada seja de outra cor.

O vestido dela era amarelo, e amarelo atrai, porque o vazio é amarelo. E amarelo engana quando sabe ser laranja. Brilha como uma tarde quente de verão, fresco como a sensação de água no cabelo e de uma maçã entre os dentes. Brilha tanto que parece noite quando o laranja vai embora. A noite também fica amarela e uma noite amarela é tão atraente quanto o vazio. Uma noite amarela pode se passar por dia, assim como o vazio alheio pode se preencher connosco. Mas este é outro tipo de vazio. O vazio de amarelo só se alimenta de amarelo. E o laranja acende e apaga tantas vezes que resta apenas amarelo.

Ele era de amarelo, mas não acho que se deu conta. No lugar dele, qualquer um se daria ao luxo de ser deste tom de amarelo. Amarelo, aprendeu a criticar amarelo a tal ponto que se vê esmeralda, e impõe-se esmeralda. Aos meus olhos, enrubesce. Mas ele amarelo, e eu amarelo, e me engasgo em amarelo e penso em amarelo e vomito em amarelo. É tanto amarelo que deixa um rastro ensanguentado por onde passa. Afinal, amarelo consegue, sim, sangrar e cegar. Amarelo consome. É contagioso e sobe pelos membros amarelados de todos os que tocam em corpos amarelos. Amarelo mancha, e eu me afogo em diversos tons de amarelo.

O sentimento é tão amarelo que é confundido com uma explosão de luz, mas tudo o que é, é amarelo; nu e cru. É amarelo de verdade, do que existe sozinho e nem tem como ser inventado. Sempre foi autenticamente e inexplicavelmente amarelo, ainda que salpicado do amarelo dos outros.

Os dias são todos amarelos. Os sorrisos e os olhares são amarelos.

O céu é tão azul quanto amarelo. A vida teima em competir consigo mesma, tentando deixar pelo menos uma, uma pessoa que seja, um pouco menos amarela. Mas rostos amarelos intrometem-se e bloqueiam o caminho, tão amarelos que têm que se provar azuis. Eu devia ficar vermelha, mas só me sinto mais amarela. Nascida de amarelo rígido, transformada em amarelo plástico, afinal, ia dar trabalho ter que juntar cacos amarelos.

Quando falo, tentando romper com o amarelo do silêncio, sai em amarelo. Minha respiração é de amarelo. A necessidade de desaparecer é amarela, e a de existir, mais ainda. Eu me desfaço e quebro e grito e uivo em ondas de amarelo. Arranco de mim o amarelo até que minhas unhas se quebrem e minhas mãos estejam em carne viva. O amarelo escorre pelos meus dedos, pegajoso, escuro, espesso e amarelo. Enterro-me em uma glória amarela e renasço em caos amarelo para mais um dia amarelo.

Essas palavras. São todas em amarelo.

MARIA DURAN

Maria Duran é investigadora de arte. Completou Mestrado em História de Arte e Património pela Faculdade de Letras, e Pós-Graduação em Curadoria de Arte. Atualmente pesquisa pintoras pouco conhecidas do século XIX. Participou no Festival de Poesia de 2023, e tem publicado poesia e prosa em revistas, zines, blogs e antologias portuguesas, americanas e canadianas, como a Gilbert & Hall Press, Pollux Journal, Fábrica de Terror, Black Moon Magazine, entre outras.

OBRAS EM LISBOA/ OBRAS EM BABEL

A construção faz-se, verbo fazer, verbo ser: a construção é. Máquinas e muitos pedaços de betume - é, existe, ocorre, faz-se realidade; de costas vergadas e quartos cheios de beliches, beliches cheios de homens cheios de sonos curtos e doridos.

A cidade constrói-se em muitas línguas, embora uma apenas sirva para assinar a posse da cidade. A cidade mostra-se nas suas muitas faces, a quem acorda cedo o suficiente para ver o primeiro asfalto aquecer o estômago da pavimentadora e a quem sente o morder do vento até muito, muito tarde, caminhando e dormitando sobre o pavimento da cidade.

Erguem-se guindastes, abrem-se pequenos abismos; a enorme e gentil mão da grua segura um pedaço de casa e coloca-o no seu acor-

dado sítio.

Digo casa, mas será hotel. A cidade vende-se muito caro, mesmo a cidade por construir - mais particularmente - faz bens de mercearia de todas as encostas perto dos cemitérios e velhas hortas, dos casebres onde veteranos e refugiados levantam tendas e feijões verdes.

Mesmo onde não existem paredes, existe o número, uma aproximação do número pelos quais as paredes invisíveis da cidade seriam arrendadas: e o número está sempre presente, a sua ambiguidade levanta a saia, curva o tornozelo, deixa as pestanas beijarem a curva pintada dos seus olhos negros.

A cidade vende-se, promete todo um mundo de prazeres e, porque é uma cidade capital, presume-se que tenha a liberdade de determinar o montante. Toda a cidade mãe-capital é feita de paredes e influências e esta não difere das irmãs, por muito que as suas torres e fortalezas de poder se ressintam pela pequenez.

Acordos, costas vergadas, olhos negros semi-cerrados contra o clarear de uma noite inebriada. A cidade consiste em: papéis, assinaturas ilegíveis, promessas irremediáveis. Também nas silvas e madressilvas que crescem nos lotes abandonados, toda uma insistência de ferrugem, sementes, insetos e pássaros e ignorâncias, cresciam ontem papoilas vermelhas, no lugar onde as máquinas fincam os seus dentes.

PÂMELA PEDRA

Nascida no Brasil, interior de Minas Gerais, Pâmela Pedra chegou a Portugal em 2016 com uma bolsa de intercâmbio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O curso não foi concluído, mas a súbita paixão pelo país a fez ficar. Em 2020 teve seu conto "Amália" publicado na Antologia *De Mulheres para o Mundo* pela PG Editorial e em 2024 será publicada em outras quatro antologias, sendo duas delas pelo selo Flip Off Paraty. Atualmente escreve sua primeira novela, ainda sem data para publicação. Para acompanhar seu trabalho, siga-a nas redes sociais @pamela_pedra.

A VIAGEM

O rio se estendia ao lado. A correnteza tentando acompanhar o comboio ou o comboio tentando acompanhar a correnteza do rio. As montanhas ao redor eram maravilhosamente cobertas de árvores e os pássaros dançavam acima das copas sem motivos, só por diversão. Eu queria viver independente como eles. Sem regras. Sem governos. Sem imposições. Como seria?

O apito soou – estávamos diminuindo a velocidade.

Eu seria um pássaro.

Saltei do comboio e tornei-me um pássaro. Fui livre e ninguém tinha poder sobre mim. Trilhei e fiz descobertas de novos caminhos. Encontrei diversas frutas e uma árvore com vista para o rio para dor-

mir.

Não senti frio, a liberdade me esquentava. Apreendi a pescar e a fazer fogo usando duas pedras e dois gravetos. Quem diria? Vagava pelas margens do rio e cantava, nem sabia que podia compor. Quantas coisas descobri! Desenhei nos troncos das árvores, pois um dia haveriam de encontrar a minha marca.

Meu corpo se transformou. Sentia-me mais magro e forte. Voei e nadei todos os dias. Tarzan também fazia isso? Não vi lobos, muito menos macacos, mas um dia observei uma cobra dando o bote em um rato e vendo aquele pequeno corpo ágil a sucumbir em sua morte senti arrepiar todos os pelos e cabelos que não paravam de me crescer. Assustado, corri dezenas de quilômetros esperando que uma hora pudesse realmente voar.

Será que ninguém sentiu minha falta? Estaria meu nome nos jornais? Qual era mesmo o meu nome?

Manchete: **DESAPARECIDO EM UMA VIAGEM**

Avistei dois pássaros brincando no céu.

A liberdade me fez frio. Quem poderia me aquecer? Cantei, mas não senti mais alegria. Quem me ouviria? Debrucei-me sobre uma pedra. Eu não podia ser um pássaro.

Gritei.

O apito soou – estávamos diminuindo a velocidade.

O rio se estendia ao lado. A correnteza tentando acompanhar o comboio ou o comboio tentando acompanhar a correnteza do rio.

Da próxima vez, pensei, quero a liberdade acompanhado.

PATRÍCIA RITA

Em relação à nota biográfica, há pouco para dizer. Sou uma simples amadora. Alguém que adora observar o mundo e as pessoas que nele vivem. Há dias em que escrever é uma catarse e outros dias em que é um simples exercício de criatividade que me sabe bem. Já escrevi diários, humor, artigos científicos, relatórios de monitorização ambiental e hoje escrevo só porque sim.

O meu LinkedIn é este: <https://www.linkedin.com/in/patriciaritageologist/>

ARANHAS

Mais escuras ou mais claras. Com mais ou menos pelo. Com mais ou menos olhos. Mas sempre com 8 patas, as putas. Sempre silenciosas. Sempre a comer machos e a cagar seda. Sempre por caminhos que mais ninguém cruza e, quando por eles passamos, a seda que não vimos está, de repente, nas nossas caras. Vão colonizando as casas; a princípio, de forma quase impercetível, mas com o passar do tempo e o acumular do pó, as teias vão-se tornando visíveis. Ao contrário da aranha, que faz a teia num abrir e fechar de (vários) olhos, a casa toma o seu tempo a tornar as teias visíveis. Se a casa tiver fumo e pó, rapidamente consegue dar visibilidade às teias. Se a casa tiver mosquitos, as teias vão-se materializando em armadilhas cruéis. Se a casa não tiver fumo, pó ou mosquitos, as teias são invisíveis por muito tempo. Estas são as casas dos ricos, pois toda a gente sabe que aranhas pequeninas são dinheiro e essas são pouco esmeradas nas teias que tecem. No entanto, apesar do desmazelo, do abandono, da morte e da ganância, há pouca coisa mais tocante que uma teia de aranha coberta de orvalho numa manhã de nevoeiro.

PAULO VAZ

Paulo Vaz é professor de Português, no Agrupamento de Escolas de Almodôvar. Tem publicadas três obras literárias: *Desistências da Carne* (2017), *A Culpa* (2018) e *Envolto* (2022). Com o coletivo SESLA, participou na performance “Onirocritica”, de Meris Angioletti, e na Ocupação “Breu”, integradas na Bienal de Arte Contemporânea - Ano Zero (2022) e na residência artística com Mateus Aleluia, no Teatro da Cerca de São Bernardo. Com a Associação Debate Intemporal, dinamizou os workshops “Metaforicamente Falando” (2021) e “Contos do Sor” (2023). Em 2022, participou no nacional de Poetry Slam, em representação da cidade de Aveiro. Em 2023, venceu o “Prémio Isabel Maria Aguiar Branco e Silva”, que distingue inovação em investigações sobre Ensino.

Instagram: https://www.instagram.com/paulo_ricardo_vaz111/

JAM SESSIONS

Rubor, despojamento, tambores pele de cabra. Os portadores da música entram pelo meio da aldeia onde o vento não tem travão. Cegonhas na lixeira. Ecos acompanham.

Os instrumentos envolvem o corpo dos intervenientes, num tom ritualístico, embebido pelos olhares. Um sino enterrado sai do centro da aldeia, um Pierrot brilhante encandeia o público e toca também, num embalo, uma música amadeirada, cacofónica. Dezenas de cegonhas alimentam-se naturalmente numa lixeira do Alentejo.

Também fazem parte do espetáculo.

As viagens têm em consideração dados sigilosos.

O mestre de cerimónias é um autointitulado maestro, curvado pela música, que lhe doía.

Ranger os dentes é resolver problemas. Pior que um corpo destruído é um corpo em curto-circuito.

ANEXOS

NOTAS EXPLICATIVAS

Fani tem fixação por Esther, personagem de *A Redoma de Vidro* (1963), único romance de Sylvia Plath. no livro, Esther enfrenta problemas de saúde mental numa época em que as mulheres ainda tentavam descobrir a própria liberdade. é possível que Esther seja um alterego de Sylvia, que sofria de depressão. desde que leu o livro, Fani sente que sua vida é a reescrita de *Redoma*. ela pensa que é o alterego de Esther, de Sylvia e de todas as mulheres taxadas de loucas – todas que, talvez por isso, foram levadas à loucura.

EU ESCREVO QUANDO EU QUERO

- e isso é drama?
- e não é?
- e é?
- é.

[e saíram as duas em silêncio, descendo as Escadas do Real rumo à Praça da Ambiguidade, Esquina das Artes Polifônicas.]

Desenvolvida no âmbito da disciplina “Oficina de Escrita Digital” durante o segundo semestre do ano letivo de 2023/2024, “Let’s Dance” é uma narrativa que se desdobra no caos frenético da Bolsa de Valores. O conto faz uso de elementos surrealistas e sobrenaturais para traçar a jornada de um protagonista incomum: Jesus, um jovem cujo nome bíblico carrega uma ironia que permeia toda a história. O personagem, um ateu desesperançado, se vê confrontado por uma aparição sobrenatural.

O conto é enriquecido por intertextualidades com a obra cinematográfica “O Lobo de Wall Street”, a música “Let’s Dance” de David Bowie e referências literárias à Bíblia. Esses elementos criam uma atmosfera densa e multifacetada, em que a crítica social e o simbolismo se entrelaçam para contar uma história que é, ao mesmo tempo, um espelho da realidade contemporânea e uma exploração das profundezas do desespero e da redenção.

Em “Let’s Dance”, Jesus navega por um mundo de incertezas, impulsionado por uma intervenção divina que desafia suas crenças e o coloca em uma trajetória de recomeço. A história reflete sobre a condição humana, a fragilidade da fé e a busca de sentido em um universo dominado pelo caos financeiro e todas as contradições inerentes a isso.

SE NUMA NOITE FRIA DOIS LEITORES NA CAMA

Escrita no âmbito da disciplina “Leitura e Performance” durante o primeiro semestre do ano letivo de 2023/2024, “Se numa noite fria dois leitores na cama” explora a complexidade da obra de Ítalo Calvino ao reimaginar as moiras como manipuladoras de palavras e narrativas. A história cria uma camada metaficcional que questiona e explora a relação entre os leitores e as histórias que consomem. A intertextualidade com "Se um viajante numa noite de inverno" é evidente na forma como o conto joga com a estrutura e o conceito de leitura, subvertendo a ideia de destino através da literatura. O ambiente íntimo do casal leitor, Ludmilla e seu parceiro, serve como um microcosmo onde o poder transformador das histórias se manifesta. A cama, um espaço de repouso e de sonhos, torna-se o palco onde as tecelãs do destino introduzem seu novo fio, representando a infinita possibilidade de novos começos e de reescritas. A decisão das moiras de costurar o fio da história única entre os leitores enfatiza a ideia de que, através da leitura, os humanos podem transcender os limites impostos pelo destino. O conto dialoga com a obra de Calvino e incorpora em sua temática elementos de mitologia e fantasia, sugerindo que a literatura é um espaço de resistência e de criação contínua. "Se numa noite fria dois leitores na cama" homenageia o ato de ler e a capacidade das histórias de reconfigurar nossa percepção do tempo, do destino e da própria existência.

BRUNO MOLINERO

COTIDIANO

As reações adversas ao texto, em ordem decrescente de frequência, são: sonolência, tontura e boca seca; fadiga, dor de cabeça, confusão, irritabilidade e nervosismo; desconforto abdominal, refluxo, constipação, diarreia, náuseas e sabor desagradável na boca; astenia (perda ou diminuição da força física); visão embaçada. Não há indícios de dependência após uso prolongado do texto.

DEMOSTRACIONAL

Após exame ginecológico, um instrumento chamado espéculo é inserido na vagina e é utilizada uma solução asséptica para limpar o colo do útero. O texto é inserido no útero por meio de um tubo de plástico fino e flexível (tubo de inserção). Pode ser aplicada anestesia local.

CAMILA FILIPA

CASA DE BANHO PÚBLICA

Ciclo de microcontos, com foco principal no espaço e no tipo de personagens, sendo esses os elementos de ligação entre todos os contos. Para além disto, tentei cumprir o

desafio da extensão textual. É-me particularmente difícil explorar o texto com uma extensão tão reduzida, porque a meu ver, este [género literário] torna mais visível quando uma palavra está a mais ou quando uma expressão não fica tão bem e deveria ser substituída por outra melhor.

PODES

Acho curioso quando pronunciamos palavras de uma forma que as faz assemelharem-se a sons de animais. Aconteceu atentar na maneira como prolongo o “o” na palavra “podes” e isso criou-me um momento galináceo, onde perdi parte da minha humanidade. Para além disso, para mim existe uma associação entre a ação de pôr um ovo e a escrita de um poema. Eu escrevo como se pusesse ovos, crio algo dentro de mim e depois deixo-o sair, ficando exposto ao mundo. E tal como as galinhas não põem ovos todos os dias, também eu nem sempre escrevo espontaneamente e, por isso, às vezes tenho de insistir comigo mesma. Daí surge a pergunta (ou pedido): podes pôr um poema? Inspirada pelos exemplos dos autores brasileiros de Concrete Poetry exibidos em aula (e também pela adrenalina de nunca ter feito nada do género) decidi que gostaria de criar um poema visual.

CLARA S.

FERIDAS

Desmultiplicação de nós, reflexos, duplos, máscaras, falsidades e revelações. Escreve-se sobre o corpo de Frida Kahlo, escreve-se sobre representações do corpo de Frida Kahlo. A escrita torna-se corpo-ornamento que entrelaça, perfura, corta, desliza, debrua.

A partir da fotografia de Las dos Fridas, consultado em www.fridakahlo.org em abril de 2024.

LÍNGUAS 200 E

Escuta, perscrutação, tentativa e erro de escrever outras línguas. Línguas de mulheres, línguas trabalhadoras, línguas de um dado lugar, línguas fora da escrita, línguas avessas à literatura. Distintas vozes, velocidades de arremesso, rouquidões. Diálogos que seguem percurso paralelos, diálogos que se entrecruzam a espaços.

GABRIELLA ANDRIETTA

A MULHER

O Uncanny Valley.

MARTA

Um fato curioso sobre Marta.

MARIA VIEIRA

CAPITAL ABISSAL

Poema produzido para a cadeira de Linguagem e Escrita, em resposta à aula e aos temas discutidos: o pensamento abissal, o capitalismo, a cultura empresarial e a colonização pela linguagem. Neste texto usei termos do mundo corporativo, tecendo uma melodia que espelha o estado do trabalho e da linguagem em Portugal.

O GRITO

Conto produzido para a cadeira de Leitura e Performance, em resposta à aula e aos temas discutidos: a língua e a voz. Inspirado no mito irlandês das fadas Banshee, usei o género de terror para explorar a ideia da língua e da voz como uma expressão pré-linguística, uma natureza animalesca e primordial.

RITA ANDRADE

RUÍDO

Este texto foi escrito para o seminário de Ficção Narrativa, no âmbito do exercício sobre o duplo ou doppelgänger. A duplicidade aqui é entre a pessoa e a sua voz interior, que lutam entre si até se fundirem numa só, até à exaustão, até à loucura.

SOFÁ AMARELO

Este texto foi produzido para Ficção Narrativa como resposta ao exercício sobre o abjeto. Partindo das considerações de Kristeva sobre a ligação umbilical e de alguma forma visceral entre mães e filhos, imaginei a relação mãe-filho mais distorcida, estragada, repugnante e abjeta que consegui. Procurei o lado mais sujo da condição humana. O ser humano no seu pior.

Fim.

Segue a **FARPA** no
Instagram e fica a par
das iniciativas do projeto

Instagram (@revista_farpa)

Instagram photos and videos

[instagram.com](https://www.instagram.com/revista_farpa)